

Artigos

“Sonhei que morri” Guerra e morte nos sonhos de jovens que cumprem medida socioeducativa

Bruna Bayer; Rose Gurski

Resumo. Este artigo apresenta reflexões acerca da experiência com as Rodas de Sonhos, um dispositivo clínico-político construído em meio aos trabalhos de pesquisa-intervenção do NUPPEC junto aos adolescentes que cumpriam medida socioeducativa de privação de liberdade. Destacamos a temática da guerra e da morte presente nos relatos dos sonhos dos meninos em enlace com o desejo de morte que a sociedade brasileira dirige a esses jovens. Explicitamos o contexto violento da juventude brasileira em situação de vulnerabilidade social, sustentado pela lógica dos discursos capitalistas e neoliberais. Compartilhamos algumas narrativas oníricas, nas quais problematizamos os efeitos das políticas de morte e da violência dirigidas aos jovens negros e pobres do país. Entendemos que as Rodas de Sonhos oferecem um modo de resistência frente aos discursos mortíferos dirigidos a esses jovens.

Palavras chave: adolescência, psicanálise, sonhos; políticas de morte.

“Soñé que moría” Guerra y muerte en los sueños de jóvenes que se encuentran en medidas socioeducativas

Resumen. Este artículo presenta reflexiones sobre la experiencia con Rodas de Sonhos, un dispositivo clínico-político, construido en medio del trabajo de investigación-intervención del NUPPEC, con adolescentes que cumplían una medida socioeducativa de privación de libertad. Destacamos el tema de la guerra y la muerte presente en los relatos de los sueños de los chicos en relación con el deseo de muerte que la sociedad brasileña dirige a estos jóvenes. Explicamos el contexto violento de la juventud brasileña en situación de vulnerabilidad social, apoyados en la lógica de los discursos capitalista y neoliberal. Compartimos algunas narrativas oníricas, en las que problematizamos los efectos de las políticas de muerte y violencia dirigidas a los jóvenes negros y pobres del país. Entendemos que las Rodas de Sonhos ofrecen una forma de resistir los discursos mortíferos dirigidos a estos jóvenes.

Palabras clave: adolescencia, psicoanálisis, sueños; políticas de muerte.

* Psicóloga. Mestre em Psicanálise: Clínica e Cultura e Pesquisadora Associada ao Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura (NUPPEC) da Universidade Federal de Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: brunafloresbayer@gmail.com

** Psicanalista. Professora Associada do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia e do Programa de Pós-graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura da Universidade Federal de Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: rose@rosegurski.com.br

"I dreamed I died" War and death on adolescents' dreams who are subjected to socio-educational measures

Abstract. This article presents the reflections about the experience with Wheels of Dreams (Rodas dos Sonhos), a clinical-political device, developed around the research-intervention work of NUPPEC, with teenagers who are on deprivation of liberty on detention centers for juvenile offenders. We emphasize the theme of war and death present in the narration of the dreams of teenagers in association with the desire for death that Brazilian society directed to these young people. We explicit the violent context of Brazilian youth in social vulnerability situation, sustained by the logic of capitalist and neoliberal discourses. We share some oneiric narratives, in which we problematized the effects of death policies and violence towards the country's young black and poor people. We understand that the Wheels of Dreams offer a mode of resistance in the face of deadly discourses directed at these young people.

Key words: youth; psychoanalysis; dreams; death politics.

"J'ai rêvé que je mourais" Guerre et mort dans les rêves des jeunes en mesures socio-éducatives

Résumé. Cet article expose des réflexions sur l'expérience avec les Roues de Rêves, un dispositif clinique-politique, construit parmi aux travaux de recherche-intervention du NUPPEC, avec des adolescents qui purgeaient une mesure socio-éducatif de privation de liberté. Nous soulignons le thème de la guerre et de la mort présent dans les rapports des rêves des garçons combinés avec le souhait de mort que la société brésilienne apporte à ces jeunes. Nous explicitons le contexte violent de la jeunesse brésilienne en situation de vulnérabilité sociale, soutenu par la logique des discours capitalistes et néolibéraux. Nous partageons quelques récits oniriques, dans lesquels nous problématisons les effets des politiques de mort et de violence destinées à les jeunes noirs et pauvres du pays. Nous comprenons que les Roues de Rêves proposent une manière de résistance aux discours mortels destinés à ces jeunes.

Mots-clés: adolescence, psychanalyse, rêves; politiques de décès.

Este escrito compartilha algumas reflexões sobre a temática dos sonhos enquanto um dos dispositivos clínico-políticos sobre os quais temos nos debruçado nos últimos anos no âmbito do Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura (NUPPEC/UFRGS)¹. As Rodas de Sonhos (Gurski & Perrone, 2019; Bayer, 2022), ofertam um espaço de circulação da palavra onde o sonho e o sonhar são o fio condutor do trabalho e constituem um dos dispositivos de pesquisa-intervenção desenvolvidos pelo NUPPEC/UFRGS junto ao campo da Socioeducação.

Nas Rodas, a proposta é de que jovens que cumprem medidas de privação de liberdade na Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul (FASE/RS) possam falar de seus sonhos, tanto dos elementos dos sonhos noturnos como do sonhar enquanto perspectiva de vida e de futuro. A pergunta: *o que vocês têm sonhado?* de início já se colocou, para eles, como um elemento estranho, afinal, como dizem, não estão acostumados a ter a possibilidade de sonhar, no duplo sentido.

A pergunta sobre o que você sonhou hoje pautou um caminho inusitado para um segmento da juventude brasileira que vive cotidianamente a dimensão sociopolítica do sofrimento psíquico (Rosa, 2016) através da desigualdade socioeconômica e do preconceito racial. Além disso, no

¹ O Núcleo é um trabalho conjunto de docentes do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura e do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Colaboram com o Núcleo professores, pesquisadores e bolsistas. Para mais informações: www.ufrgs.br/nuppec, [@nuppec.eixo3](https://www.facebook.com/nuppec_e). O NUPPEC é dividido em 3 eixos, este artigo foi produzido no âmbito das pesquisas do Eixo 3 - *Psicanálise, Educação, Intervenções Sociopolíticas e Teoria Crítica*.

contexto em que vivem, com a grande proximidade com o tráfico de drogas, experienciam a dimensão do matar e do morrer em quadros cotidianos de guerra, assim nomeados por eles.

Dentre as narrativas oníricas escutadas, inquietou-nos o tema da morte e a forma como ela surgiu em diferentes roupagens: do confronto policial aos sonhos em que experienciam as próprias mortes, sonhos nos quais o matar ou morrer aparece em cena com muita vivacidade.

Desse modo, além de refletirmos sobre os sonhos de morte que se apresentam em cenas de guerras, fomos percebendo que, ao trabalhar com a temática dos sonhos, respaldadas pelo rigor da ética da Psicanálise, instauramos uma função clínica-política, que serve de instrumento para reflexões acerca dos movimentos do laço social. A dimensão clínico-política faz parte das premissas dos trabalhos do NUPPEC/UFRGS, na medida em que construímos espaços de escuta no campo social, em lugares que estão diretamente ligados aos efeitos da violência que invisibilizam a vida de alguns jovens brasileiros, em especial jovens negros, periféricos e em condição de vulnerabilidade social. As Rodas de Sonhos, assim como outros dispositivos construídos pelo Grupo de Pesquisa, visam também a produzir tensionamentos na relação com o que temos chamado de políticas de morte.

A frase que dá o título a este artigo se refere a uma cena em que Pedro² afirmou enfaticamente *sonhei que morri*. Atentas ao que viria após essa afirmação, Pedro repete a frase e conta seu sonho:

“Sonhei que eu morri, que deu uma guerra na zona e os carniça [policiais] me pegaram e me deram tanta porrada que eu morri. O cara que vive no crime sonha com isso e acorda assustado, foi como se eu tivesse morrido mesmo.”³

A partir das narrativas oníricas dos meninos percebemos que os sonhos retratavam o sofrimento gerado por uma espécie de estado de guerra que vivem quando estão em vigília, *a vida é uma guerra, dona, tu mata ou tu morre*. A partir de algumas falas dos meninos nas Rodas de Sonhos e de outros estudos do Núcleo (Dunker; Perrone; Ianinni; Rosa & Gurski, 2021) fomos tecendo a noção de que a vida onírica é um modo de manifestação do sujeito e, portanto, do sofrimento sociopolítico (Rosa, 2016), uma vez que os jovens mostram nas narrativas que a vida é vivida como uma guerra e o matar ou morrer coexiste nos sonhos e na vigília.

Após o estranhamento inicial com a interpelação sobre seus sonhos, curiosamente, os sonhos de morte ganharam espaço nas falas, assim como o desejo de morte que é direcionado aos seus corpos, corpos que têm o caráter de matáveis e são entendidos como sem valor.

Licença para matar: a guerra escrita na pele (negra)

O tema da guerra faz parte da história do mundo, assim como da construção da Psicanálise. Freud, durante toda sua vida, foi interpelado sobre a causa da guerra. O impacto das condições

² Todos os nomes utilizados neste artigo são fictícios a fim de preservar as identidades dos jovens que participaram das Rodas de Sonhos.

³ Essa fala foi recolhida dos diários de experiência da pesquisadora. Os referidos diários foram construídos pelo grupo de pesquisa a partir da necessidade de narrar a experiência no campo com a socioeducação, assim desdobramos um modo próprio de registro: os diários de experiência (Zachello; Paul & Gurski, 2015; Gurski, 2017; Gurski & Strzykalski, 2018). Eles são caracterizados como um compilado escrito feito pelas pesquisadoras acerca de suas vivências, experiências e reflexões a partir dos encontros com os adolescentes. Essa é uma ferramenta metodológica que considera a dimensão da impossibilidade, na medida em que não se trata de transpor para a escrita uma descrição linear e concreta do que aconteceu nas Rodas. O dispositivo foi construído justamente a partir das premissas da ética psicanalítica a fim de tornar a pesquisa em psicanálise o mais fiel possível aos efeitos de seu objeto, o inconsciente.

sociais e políticas das guerras foi muito significativo, também, para o campo da Psicanálise, tendo produzido um volume importante de reflexões sobre a guerra e suas manifestações nas vidas dos sujeitos (Freud, 1932/2010; Sousa; Endo, 2012). Freud, mesmo, testemunhou a Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918), período em que o prestígio da Psicanálise cresceu e durante o qual viu seus três filhos e alguns colegas psicanalistas serem compelidos ao alistamento militar.

Albert Einstein, em 1932, entabulou um rico diálogo com Freud ao dirigir-lhe a pergunta *Por que a guerra?*. O pai da física moderna questionava se havia alguma forma de livrar a humanidade da ameaça da guerra; Einstein acreditava que Freud, por estudar a vida psíquica, poderia elucidar e sugerir métodos educacionais que pensassem ações para prevenir conflitos armados. No entanto, sabiamente, Freud (1932/2010) respondeu que as guerras ocorrem devido a um conjunto de causas que implicam questões políticas, sociais, psíquicas, culturais e econômicas de uma sociedade. Na correspondência acerca dos motivos da guerra, Freud (1932/2010) afirma que a violência que acompanha a guerra tem relação com o tema do poder, aspecto intrínseco ao humano, que se manifesta nos laços sociais a partir dos processos mais remotos de socialização.

O psicanalista austríaco também sublinhou a presença de duas pulsões, cujas atividades são opostas entre si: a pulsão construtiva, erótica ou Eros, e a pulsão destrutiva, de morte ou Tanatos (Freud, 1932/2010). No texto *Além do princípio do prazer*, de 1920, Freud aprofundou o que Einstein chamou de desejo de ódio e destruição do ser humano, falando sobre Eros e Tanatos, oposição entre amor e ódio, atração e repulsão, preservação e destruição, vida e morte. Nesse texto, Freud apresenta os conceitos de pulsão de vida e pulsão de morte ao dizer que uma pulsão está amalgamada à outra e, muito embora haja a predominância da pulsão de morte, ambas são essenciais e atuam de forma concomitante nas relações sociais.

O instigante conceito de pulsão de morte foi escrito no momento em que a Europa vivia os rastros deixados pela Primeira Guerra Mundial, quando a nova forma de matar estava posta, inclusive como um suposto progresso da razão (Dunker, 2021). Nesse sentido, Freud (1920/2010) apresentou a pulsão de morte para compreender a compulsão à repetição, que surgia em decorrência de experiências traumáticas e cenas de angústia que os pacientes recordavam incessantemente, sem que pudessem esquecê-las.

Sobretudo, antes da carta de Einstein, Freud já havia escrito alguns textos sobre o tema da guerra, como *A desilusão causada pela guerra*, publicado em 1915, onde sugere que as guerras não vão acabar enquanto os povos viverem em condições tão diferentes, enquanto houver divisões de raça e classe. Interessa sublinhar que esse perspicaz ponto de vista de Freud, que já aparecia em 1915, estendeu-se em sua obra na medida em que refletia sobre política. Ele dizia que a evitação de uma guerra é tema para estadistas, afirmando que os mais prejudicados são aqueles que fazem parte dos excluídos da sociedade (Freud, 1932/2010).

Ainda que importe pensar a guerra que Freud vivenciou e que gerou vasto material de trabalho para muitos dos conceitos fundamentais da Psicanálise, cabe ressaltar que a escuta de jovens que cumprem medida socioeducativa de privação de liberdade nos apresenta uma guerra particular, jovens em sua maioria negros e pobres que vivem em meio à guerra do tráfico:

“Luis: lá na zona rola várias guerras mesmo.

Pesquisadora: guerras...

Luis: *é, invadem o brete e rola tiroteio, morre inocentes. Mataram meu primo e meu sobrinho de dois anos, eles eram inocentes, era pra pegar eu e um outro primo. Se eu vejo eles na rua, dá ferro.*

Pesquisadora: *dá ferro?*

Luis: *tiro, guerra. Todo mundo morto, a gente vai tudo morrer assim, no meio de alguma guerra.*⁴

Com a fala de Luis, assim como de outros jovens, percebemos que a guerra e as mortes são aspectos que imperam nas vidas deles, surpreende como narram esses aspectos naturalizando o belicismo nos laços. Seria essa guerra (particular) promovida pelo Estado? A morte surge como protagonista nas narrativas e como uma das únicas possibilidades frente às vivências com a beligerância instalada na vida, com as relações com o tráfico, imprimindo a sensação de que *para viver, é preciso morrer*. Destacamos o aforismo que derivou do campo e que nos fez problematizar as torções entre vida e morte presentes nas falas dos jovens.

O termo “guerra”, utilizado pelos jovens quando se referem às vivências no tráfico, chama-nos a atenção. A evocação da guerra produz um tensionamento constante que é tanto territorial, ocorrendo nas periferias e nas margens das cidades, como uma espécie de guerra silenciosa que divide a sociedade e parece constituir a nação. Ou seja, torna-se um acontecimento social e político com grau de importância na esfera pública. Não se trata de uma guerra pessoal, mas sim de uma cena bélica que é composta por jogos de poderes, tanto no âmbito do confronto entre as facções como no âmbito político (Martins & Rosa, 2017).

As autoras Martins e Rosa (2017), inspiradas em Foucault, sustentam que vivemos em batalhas constantes com lutas pontuais e disseminadas, e não em conflitos binários. Essa talvez seja uma problematização importante a fazer no debate sobre a tão falada polarização no Brasil. Entendemos que um dos sistemas que alimenta essa guerra é o ódio racial produzido pelo ideário da supremacia branca que recai sobre essa população.

Desse modo, não se trata de uma grande guerra, tratam-se de diversas e constantes guerras nos âmbitos políticos e pessoais, o que constrói modos de subjetivação do sujeito e de organização na cultura. Assistimos na Socioeducação, por exemplo, aquilo que as autoras nomeiam como o processo histórico da *guerra das raças* (Martins & Rosa, 2017); quer dizer, uma guerra que atravessa as vidas e as mortes dos jovens, especialmente os adolescentes negros, mostrando a face de genocídio da juventude negra do nosso país. Temos entendido que as políticas de morte renovadas e presentes, de modo mais explícito, nos anos do governo Bolsonaro, trazem à tona a desigualdade social histórica e o racismo estrutural do Brasil.

Diante dessa perspectiva, Jessé de Souza (2021) aponta que o racismo assume o comando do processo de dominação social, econômico e político, sendo o elemento central da sociedade brasileira. Como função social, mantém a opressão e a humilhação de alguns sujeitos, utilizando-se da construção de uma “ralé de novos escravos” (p. 9, 2021). Assim, o autor compreende que, no Brasil, o racismo funciona como uma linguagem cifrada que se disfarça entre outras linguagens para continuar viva e com poder, edificando a sociedade. Souza (2021) argumenta em sua tese que o neoliberalismo, esse que é a própria legitimação simbólica do capitalismo financeiro global, utiliza-se dos discursos antirracistas, de forma perversa, para melhor explorar o oprimido. Ou seja, busca legitimidade diante de uma ideia de emancipação

⁴ Relato recolhido nos diários de experiência da pesquisadora de uma Roda de Sonhos realizada em janeiro de 2019.

que, na realidade, torna a opressão ainda mais invisível. Ao que perguntamos, afinal: como chegamos nesta guerra?

A psicóloga Lia Schucman (2020) afirma que definir o conceito de branquitude é um nó conceitual que vem sendo estudado por contemporâneos que se debruçam sobre o tema da identidade branca. Deve-se levar em conta o contexto social, cultural, histórico e político de cada região; ser branco e ocupar o lugar simbólico da branquitude tem conotações diferentes, dependendo do lugar social em que o sujeito está localizado. Portanto, a branquitude deve ser compreendida como a posição do sujeito, que advém de eventos históricos e políticos determinantes. Ainda assim, a branquitude se caracteriza por pessoas que ocupam uma posição de privilégio no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos, herança do colonialismo e do imperialismo, que se estende até a contemporaneidade.

Mesmo entre segmentos da sociedade implicados com a luta por direitos fundamentais para classes oprimidas, como as mulheres e os trabalhadores, percebe-se os privilégios da branquitude e o silêncio quanto às relações raciais. Bento (2002) aborda essa questão a partir da exclusão moral, definida enquanto desvalorização do outro como ser humano – condição que ocorre quando grupos são colocados fora dos limites protegidos pelos valores éticos e humanos. Assim, os sujeitos excluídos são considerados sem valor, indignos e, portanto, passíveis de serem prejudicados ou explorados. A exclusão moral pode assumir formas severas, como o genocídio; ou mais brandas, como a discriminação (Bento, 2002).

Nesse sentido, as autoras Gurski, Perrone e Strzykalski (2021) exploram o tema da fantasia colonial brasileira, associando-o ao que tem sido chamado de desejo de fascismo (Perrone et al., 2020). As autoras constroem uma crítica ao livro *Casa grande e senzala*, de Gilberto Freyre (1933/1988), especialmente no que se refere ao aspecto de ter sido tratado como um escrito revolucionário nas décadas de 1930 e 1940. O livro, na época, foi tomado como revolucionário por questionar a afirmativa da inferioridade racial do povo brasileiro junto aos enunciados do determinismo geográfico. Freyre (1933/1988) incumbiu ao negro o papel de co-civilizador em relação à sociedade brasileira, principalmente se referindo ao negro escravizado. O autor entendia que a função desempenhada pelo negro na casa dos Senhores deu origem à construção de uma cultura específica, com aspectos da língua, da culinária e das crenças.

As autoras citadas acima propõem uma crítica ao suposto mito da democracia racial de Freyre e trazem uma importante discussão sobre a noção de “fantasia colonial” brasileira. Trabalham diante da hipótese do desejo de fascismo da sociedade brasileira como uma forma de naturalizar o genocídio real e simbólico dos jovens negros que estão em condições vulnerabilizadas. Desse modo, pensam o desejo de fascismo como constituinte do desejo de colonialidade que reverbera até os dias atuais nos laços sociais e institucionais do país. A Psicanálise aparece nesta discussão justamente pela possibilidade de investigar o desejo de fascismo a partir das fantasias coloniais inconscientes e os efeitos desse fantasma histórico no cotidiano do país. As autoras sustentam que, nas cenas coloniais, está posta a negação, os apagamentos, as rasuras que tratam de fomentar o falso sentido de unificação do que seria a nação brasileira e sua história. Aquele que coloniza vê o colonizado como seu pertencido, diante da argumentação de que o colonizado é um ser inferior.

Não se pode esquecer que a nomeação da democracia racial serviu para fomentar a desigualdade constituída pelo racismo. Essa estratégia foi utilizada de forma perversa, pois impossibilitava que a população negra tomasse consciência das táticas racistas que fortalecem a exclusão e segregação racial. Desse modo, a fantasia colonial encobre o conflito fundante do

racismo e insiste em não reconhecer as consequências nefastas deste, mantendo o negro em um lugar de não sujeito e sem reconhecimento de cidadão.

Borges (2018) compreende que o sistema prisional brasileiro, além de ser atravessado pelo racismo, sustenta formas de controle e de manutenção de hierarquias raciais, do mesmo modo que as estatísticas nos levam a inferir que esse mesmo mecanismo tem grande influência na política socioeducativa (Strzykalski, 2019). Gurski, Perrone e Strzykalski (2021) sugerem que a fantasia colonial, que historicamente se apresentou pelas condições de poder violento do Senhor do engenho, nos dias atuais, veste uma nova roupagem, perpetuando a violência pelas circunstâncias impostas através das pautas neoliberais e pelos altos índices de morte de jovens negros. O genocídio juvenil negro continua sendo uma questão que impera no laço social, na medida em que, o discurso social hegemônico legitima que a vida desses sujeitos é descartável e não tem valor.

Nesse sentido, entendemos que o genocídio que opera no Brasil é plural e complexo. Além do expressivo número de mortes de jovens negros brasileiros, os índices de abandono escolar nos últimos anos do ensino fundamental, junto às baixas taxas de matrículas no ensino médio, mostram que os adolescentes em situação de vulnerabilidade social não tomam a escola como um espaço de transmissão de possibilidades para o futuro, não encontram na instituição escolar um lugar que cultive o desejo de viver (Gurski, 2019). Deste modo, podemos pensar que a naturalização tomada pela sociedade frente à ausência de espaços educacionais onde esses jovens possam sonhar um futuro fomenta o lugar de marginalização, ou seja, a dita “vida do crime” se torna um dos únicos caminhos para imaginar um futuro. Referimo-nos a jovens que não são sonhados pela nação e, ao não serem incluídos neste grande sonho, ficam com suas vidas restritas ao matar ou morrer, como sustenta Gurski (2019).

No trabalho com os sonhos, fomos percebendo que os adolescentes que cumprem medidas socioeducativas têm muita dificuldade em sonhar com uma perspectiva de futuro, como se não estivessem autorizados, do ponto de vista simbólico, a sonhar com um amanhã diferente do tráfico e da morte. Será que nomear o racismo estrutural e a desigualdade social que sofrem pode funcionar como um modo de evocar um caminho viável de sonho na direção de um outro futuro possível (Schucman, 2020)?

Sonhos de morte e sofrimento sociopolítico: da guerra à narrativa onírica

Durante as Rodas de Sonhos, foram nos inquietando as constantes frases como: *sonhei com a minha morte* ou *sonhei que matei um cara*. Assim, o encontro dos sonhos com o tema da morte foi nos levando a escutar a dimensão do laço social apresentada por eles, esse lugar onde a morte impera de maneira tácita.

Cabe salientar que Freud, ao inaugurar a Psicanálise a partir dos seus estudos sobre o inconsciente, nomeia os sonhos como a via régia do inconsciente (Freud, 1900/2019), ou seja, como o caminho de acesso ao inconsciente que exerce uma função fundamental na vida psíquica dos sujeitos. Em 1899, durante a escrita de *A interpretação dos sonhos* (1900), Freud escreveu uma carta a Fliess em que dizia: *invariavelmente, o sonho visa a realizar um desejo que assume diversas formas. É o desejo de dormir! Sonhamos para não ter que acordar, porque queremos dormir*. (Freud, 1887–1904/1986, p. 355)

No Seminário sobre o desejo, Lacan nota que é por intermédio do desejo de morte que o desejo de dormir se satisfaz, ou seja, o desejo de morte é a face oculta do desejo inconsciente. O desejo de dormir, além de representar e satisfazer desejos inconscientes, expressa a satisfação

do retorno a um estado inanimado, satisfação para além do princípio do prazer: o gozo da quietude e da pulsão de morte (Lacan, 1959/1960).

É interessante pensar na relação entre o dormir e o sonhar que muitas vezes surgia nos relatos dos meninos. Vitório⁵, em uma das primeiras Rodas, contou:

“Fui pego um dia que eu tinha ido visitar a minha mãe, eu passei a noite inteira acordado, de manhã minha mãe foi trabalhar, a minha irmãzinha foi para creche e eu resolvi dormir, os caras [policiais] entraram lá em casa, eu estava dormindo fazia 15 minutos, eles invadiram e me pegaram. Tomei um susto, como que eu vou dormir, dona, não tem essa. O cara não sonha.”⁶

O processo de não dormir se estabelece como uma forma de sobreviver à vida árida que esses jovens têm e que, conseqüentemente, prejudica o processo onírico. A proposta de escutar a produção dos sonhos desses jovens criou um interesse diferente deles na direção de suas narrativas oníricas, eles passaram a questionar os modos de sobrevivência a que o ambiente social os convoca, assim como o que significa a privação de sono e de sonhos que apresentam.

Nesse sentido, a fala de Vitório evocou o ritmo do matar ou morrer que perpassa cotidianamente suas vidas e coloca em cena a demanda do Outro, esse Outro representado por uma sociedade que os posiciona no lugar da marginalidade; é assim que dormir e sonhar são associados a um perigo: *na rua não tem como sonhar, se o cara sonha muito, morre*. A narrativa dos jovens apresenta a complexidade da realidade social da juventude brasileira, na qual dormir e sonhar não é possível para todos, fazendo face às impossibilidades geradas pela desigualdade brasileira que atravessa a produção onírica. Sabemos que, quando não podem dormir, perdem a possibilidade de revisitar memórias traumáticas e fluxos elaborativos que poderiam propiciar a experiência de novas montagens apresentadas nas cenas dos sonhos como produção de movimentos na vida de vigília.

Freud (1900/2019), ao apresentar a ideia de que podemos experimentar outras vivências além da consciência, abre espaço para a percepção da experiência do sonho e da narrativa onírica, que se dá a partir de uma construção, via linguagem, que o sujeito faz diante do que o sonho suscitou, na qual se abrem novos caminhos para o sujeito perceber algo que antes não percebia. Nesse sentido, quando Freud (1900/2019) analisa as narrativas dos sonhos, fica atento ao que nomeou como pensamentos oníricos, ou seja, aquilo que surge entre o Real do sonho – conteúdo não acessível à consciência – e o despertar, que compõe a narrativa onírica a partir da construção dos elementos que surgem nesse processo. Diante das premissas do psicanalista, cabe salientar que a narrativa onírica é composta por fragmentos dos desejos inconscientes, dos restos diurnos e dos traços da história social e política do laço social.

Chamamos atenção para as manifestações presentes nos restos diurnos, eles veiculam as experiências do sujeito em seu contexto social; assim, quando os jovens contam sonhos que tangenciam o matar e/ou morrer, há experiências junto às narrativas. A morte, no formato de sonho, muitas vezes, representa a morte como uma espera próxima e quase inevitável. O jovem Gabriel conta:

“Logo que meus parças levaram os tiros na minha frente, eu sonhava com isso todo dia e acordava meio assim [faz gestos de assustado], onde eu tô? O cara sonha que tá levando tiro

⁵ Conforme referido em nota anterior, todos os nomes presentes neste artigo são fictícios.

⁶ Relato recolhido nos diários de experiência da pesquisadora de uma Roda de Sonhos realizada em outubro de 2019.

e se assusta, sente queimar. Uma vez sonhei que o tiro foi no pescoço e eu sentia falta de ar, não conseguia respirar. Acordei no susto, tentando respirar.”⁷

Gabriel relata que não conseguia respirar diante da dimensão do sofrimento que o acometeu com o sonho de que levava um tiro. Na narrativa onírica, a cena com a morte se apresenta como uma possibilidade de tentar dar algum sentido para a experiência, essa que gerou rachaduras psíquicas. Segundo Freud (1900/2019), os sonhos são um tipo de realização alucinatória de desejos; nesse sentido, nos perguntamos, como afinal os sonhos operam a função de elaboração do que é da ordem do traumático? Freud, em *Além do princípio do prazer* (1920/2010), refere que os sonhos tais como este acima narrado por Gabriel fogem à regra inicial dos sonhos como realização alucinatória dos desejos; sendo assim, nomeou-os como sonhos traumáticos (Freud, 1920/2010).

Foi em 1920 que Freud se dedicou aos sonhos traumáticos dos sujeitos que retornavam da Primeira Guerra Mundial, devido às repetições que escutava nas cenas oníricas; era uma espécie de palco para os conteúdos que remetiam aos acontecimentos dramáticos que os sujeitos tinham experienciado durante a guerra e, junto a isso, a angústia que se presentificava nas narrativas oníricas. Esse momento provocou movimentos importantes na Psicanálise dos sonhos e evocou as manifestações da produção onírica como efeito do impacto da experiência causada pelas transformações sociais vividas pelos sujeitos.

A partir do cenário de guerra que se instaurou, Freud (1920/2010) precisou revisitar sua teoria dos sonhos e construiu a seguinte ideia:

Ora, os sonhos que ocorrem numa neurose traumática têm a característica de que o doente sempre retorna à situação do acidente, do qual desperta com renovado terror. As pessoas não se surpreendem o bastante com isso. Achar que é justamente uma prova de como foi forte a impressão deixada pela vivência traumática, que até no sonho volta a se impor ao doente. (Freud, 1920/2010, p. 169).

Ainda assim, no mesmo texto, Freud (1920/2010) sustenta que seria mais próprio dos sonhos apresentar imagens do tempo em que não havia as situações traumáticas. Pontua que os sonhos não ficam apenas revivendo as imagens traumáticas, mas também sonham com a “cura” pela qual o sujeito anseia (Freud, 1920/2010).

Os escritos sobre o tempo de guerra e sobre os efeitos traumáticos nos levam a questionar se aquilo que se torna traumático na vida dos jovens da Socioeducação seria o cotidiano beligerante de guerra vivenciada por eles diariamente. Em uma Roda, o jovem Wellington relata um sonho em que é morto pela facção rival; na imagem onírica, recebe dois tiros, um deles no pescoço e o outro na região abdominal. Quando conta o sonho, diz que se via fora do corpo, observando-se vomitar sangue dentro de um carro, e acrescenta: *é ruim falar sobre esses sonhos, é o cara ali morto, a gente sabe que isso pode acontecer na vida real. Mas é bom o cara acordar e ver que ainda está vivo.*

Sonhos como o de Wellington nos fazem questionar, afinal, como pensar que o desejo de “cura” também opera nos sonhos, tal qual coloca Freud? Nesse sentido, entendemos os sonhos como um modo de fazer ver e fazer sentir aquilo que é da ordem do desejo, mas também do trauma, dando espaço para que o sofrimento psíquico tenha a oportunidade de ganhar novas narrativas e, portanto, deslocamentos de sentidos.

⁷ Relato recolhido nos diários de experiência da pesquisadora de uma Roda de Sonhos realizada em janeiro de 2020.

No artigo “Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas”, Seligmann-Silva (2008) problematiza a confluência entre a narrativa individual do trauma e a narrativa do trauma coletivo. O autor pontua que a memória do trauma é sempre uma busca por compromisso entre o trabalho da memória individual e da construção feita pela sociedade. Entende, a partir dessa visão, que narrar o trauma se torna uma tarefa complexa e depende de uma série de determinantes sociais que não podem ser desconsiderados ao escutar a singularidade do sujeito; desse modo, escutar o trauma individual é escutar o trauma coletivo e/ou histórico.

Freud, em *Totem e tabu* (1912-1913/2012), tangencia essa temática ao apresentar uma concepção de sociedade a partir do tipo mais primitivo de uma organização social: a horda primeva. O mito do pai totêmico imprime a violência e a busca incessante pelo gozo. Esse pai possuía todas as mulheres e as proibia de se relacionar com os demais membros da tribo, ou seja, exercia o monopólio do gozo de maneira tirânica. Sendo assim, para ter acesso ao gozo interdito pelo pai, os filhos o assassinaram para colocar fim à horda patriarcal. Porém, ao eliminá-lo, foram tomados pelo sentimento de culpa e de identificação com o sujeito morto. Nesse mito, a agressividade que uniu os filhos fez com que se instaurasse uma guerra na busca de uma nova forma de vida coletiva, com novas leis. Desse modo, Freud (1912-1913/2012) nos convida a pensar sobre as marcas históricas que passam de geração para geração e as tentativas de elaboração de traumas que fazem parte do coletivo e que, muitas vezes, subjazem diante da construção de uma sociedade.

Nas formulações de Lacan sobre o tema do trauma, desenvolvidas no Seminário 11, ele apresenta o trauma com um estatuto diferenciado. Lacan (1964-1985/2008) sustenta que o acontecimento traumático não se restringe à opacidade de sua origem, o trauma em Lacan se dá no encontro com o Real. Recordemos que o significante determina o sujeito e é em sujeição que ele será constituído pelo simbólico; porém, sempre algo fica de fora, e isso é o que Lacan chama de Real (1964-1985/2008), aquilo que é impossível de ser simbolizado.

Assim, no seminário citado, Lacan (1964-1985/2008) desenvolve o conceito de Real como algo que retorna, no sentido de um encontro faltoso, onde se abre uma hiância e a possibilidade de que o sujeito se interroge. Lacan propõe pensar na divisão entre a *tiquê*, definida como encontro faltoso – refere-se ao Real como encontro –, assim como ocorre nos atos falhos ou em uma verdade semi-dita do sujeito (Guzmán & Derzi, 2021), e o *autômaton*, que corresponde ao desdobramento inconsciente da rede de significantes que desenha aquilo que retorna. Importa salientar que a relação entre a *tiquê* e o *autômaton* aponta para os laços existentes entre o encontro e o que se repete; se há repetição, há encontro com a falta.

A função da *tiquê*, do real como encontro – encontro enquanto que podendo faltar, enquanto que essencialmente é encontro faltoso – se apresenta primeiro na história da psicanálise, de uma forma que, só por si, já é suficiente para despertar nossa atenção – a do traumatismo. (Lacan, 1964-1985/2008, p. 60).

Assim, Lacan (1964-1985/2008) afirma que o que se repete é sempre algo que se produz, o Real não é o que retorna como signo, mas o que se repete como falta. Na origem da Psicanálise, com a concepção de trauma, a *tiquê* é tomada como princípio, ou seja, *o Real apresentado na forma do que nele há de inassimilável – na forma do trauma* (Lacan, 1964-1985/2008, p. 60). Desse modo, o trauma é entendido como devendo ser tamponado pela homeostase subjetivante que conduz o funcionamento definido pelo princípio do prazer. No discurso lacaniano, trauma

e Real se entrecruzam: o Real é o que volta sempre ao mesmo lugar, pois é aquilo que não cessa de não se inscrever. Lacan (1964-1985/2008) questiona “como pode o sonho, portador do desejo do sujeito, produzir o que ressurgem em repetição, o trauma – senão seu rosto mesmo, pelo menos a tela que o indique ainda por trás?” (Lacan, 1964-1985/2008, p. 60).

Ainda nesse sentido, retomando algumas questões postas por Seligmann-Silva (2008) quando refere à dificuldade de os sujeitos testemunharem o trauma, o autor utiliza como referência a experiência do Holocausto, momento histórico em que foi visível a grande impossibilidade de narração. Ele entende que, diante de um evento catastrófico, a narrativa com função de testemunha se torna difícil e necessita do tempo *a posteriori* para que os sujeitos possam ter a oportunidade de testemunhar aquilo que até então era indizível.

Sabemos o quanto, em situações de guerra, violência e extremo desamparo, a vida onírica se intensifica como um modo de defesa da vida psíquica em relação aos efeitos do trauma (Gurski & Perrone, 2021a). E o que se pode produzir diante da cinesia que os sonhos com morte provocam? Acreditamos que a experiência árida dos jovens, onde a vida e a morte se interpelam, produzem imagens oníricas que se armam diante do encontro com o Real do sonho, o traumático, o que pode produzir diferentes caminhos de elaboração (Gurski, 2021).

Essas produções oníricas, associadas ao tema do trauma, nos remetem ao que disse Rouanet (2008): *é pelo sonho que o sonhador se apropria da força que vem do mundo morto das coisas*” (p. 89). Gurski (2021) apresenta um interessante entendimento sobre a colocação de Rouanet, quando diz que a força que emerge daquilo que foi recalcado, justamente por ausência de elaboração, é o conteúdo que não pode ser lembrado pelo sujeito e pela história, mas ao mesmo tempo é aquilo que, pela ausência dessa mesma elaboração, não pode ser esquecido.

Seria a morte um destino dos jovens da Socioeducação na máquina do capitalismo neoliberal?

Ainda que possamos entender que os sonhos narrados pelos jovens da Socioeducação estão intimamente ligados a processos traumáticos, é importante salientar que os fragmentos dos sonhos com morte são expressões do sofrimento sociopolítico que os acomete. Além da manifestação singular que cerca vivências de sofrimento e de trauma, o sonho carrega aspectos que a maior parte daqueles meninos já experienciou, a face da morte como marcador do lugar no laço social em que estão situados.

Temos pensado o lugar de apagamento do sofrimento e do silenciamento das crueldades que esses jovens vivem como expressão do desejo de morte de grande parcela da sociedade brasileira. Assim, enquanto se perpetua o genocídio da população negra, temos, na Universidade, o compromisso de realizar estudos acerca das diferentes manifestações do sofrimento sociopolítico vivenciado por essa parcela da população. Tornar público e problematizar aquilo que viola os direitos humanos dos sujeitos é um modo de tensionar os caminhos das políticas públicas na direção da garantia dos direitos mínimos para todos e todas.

A escuta dos sonhos de morte, em meio aos muros da Socioeducação, leva-nos a associar o material onírico com os discursos de ódio que pautam a sociedade. Majoritariamente, discursos que propagam a segregação social e fomentam as cenas bélicas compartilhadas pelos adolescentes em seus sonhos.

“Dona, o negócio é o seguinte, a gente não rouba do trabalhador como o governo faz, a gente rouba o que é nosso por direito, o que o governo nos tira. Olha os impostos que todos vocês pagam, que os trabalhadores, nossas mães, esse dinheiro é o que a gente busca.”⁸

Esse fragmento apresenta uma justificativa para compreendermos o que leva esses jovens ao crime como um recurso de vida. De alguma forma, o menino articulou os atos infracionais ao tema da lei como organizadora do laço social na macropolítica. Esse argumento retrata o complexo contexto da juventude brasileira em situação de vulnerabilidade social, sustentado pela lógica dos discursos capitalistas neoliberais, no qual a violência proposta como recurso é rotineira e naturalizada em suas vidas.

Nessa direção, o sociólogo José Manuel Valenzuela (2015) cunhou a expressão *juvenicidio*⁹, com a qual retrata os impactantes índices de violência letal juvenil na América Latina. Em seu livro, o autor sustenta que o aumento de mortes é consequência do capitalismo neoliberal que segue destruindo as políticas sociais, produzindo, com isso, desigualdade e falta de condição de acesso à educação, saúde e outros benefícios. Essa situação produz índices de precarização de vida e de saúde mental à população jovem que vive em situação vulnerabilizada.

Ainda nessa temática, Jessé Souza (2009) questiona o equívoco em relação ao mapeamento dos problemas sociais e políticos do Brasil quando reduzido apenas a uma questão histórica. Discute a desigualdade social a partir do vértice da violência simbólica¹⁰, que propicia a naturalização das desigualdades como um modo de sustentar e reproduzir ainda mais racismo e segregações. Para compreender melhor esse cenário, Souza (2009) afirma que, na contemporaneidade, existem formas novas de legitimar a violência, estas se aproximam do passado histórico brasileiro com uma nova roupagem, não é mais o chicote do Senhor de escravo, mas as práticas do neoliberalismo, que propõe visões “economicistas” (Souza, 2009, p. 16) e redutoras da realidade social. Ou seja, é uma visão que reduz a problemática social e política à lógica da acumulação econômica. Jessé Souza (2009) faz uma crítica à dicotomização que se apresenta entre o mercado divinizado e o Estado demonizado, o que gera invisibilidade para os conflitos sociais e para as pessoas que se encontram em situação vulnerável. Tal invisibilidade sustenta, sobretudo, um tipo de “economicismo” que, de tão hegemônico, tornou-se linguagem comum e aceita por uma grande parte da população. Desse modo, o capitalismo neoliberal ganha cada vez mais espaço e alimenta a máquina da desigualdade social, de forma a encobrir os conflitos sociais mais profundos e fundamentais do Brasil.

Souza complementa essas reflexões no livro *A guerra contra o Brasil* (2020). Nele, o autor analisa a influência estadunidense na legitimação da guerra brasileira vivenciada cotidianamente pela população. Entende que as grandes armas dessa guerra são: o racismo, a subserviência à elite econômica e o fascismo latente na tradição autoritária no Brasil. O autor afirma que a história política do Brasil sempre foi alimentada pela influência direta da sociedade americana, uma sociedade extremamente racista. No entanto, nos últimos anos, o Brasil vivenciou, através do governo Bolsonaro, ideias e práticas da extrema direita americana, um segmento racista e antidemocrático. Esse movimento foi o arcabouço para que o racismo brasileiro sofresse algumas transformações, tais como o aumento da segregação das classes sociais, o que fomentou a “guerra entre os pobres” (p. 15, 2020). Ou seja, com um representante

⁸ Relato recolhido nos diários de experiência da pesquisadora de uma Roda de Sonhos realizada em dezembro de 2019.

⁹ José Manuel Valenzuela cunhou a expressão “juvenicidio” inspirado no conceito de feminicídio: crime de ódio baseado no gênero que resulta no assassinato de mulheres.

¹⁰ Jessé Souza parte do entendimento de que a violência simbólica é um tipo de violência que não “parece” como uma violência direta, e sutilmente torna possível a naturalização da desigualdade brasileira (Souza, 2009).

político que propõe discursos de ódio, a guerra que se instaura é a exploração, o medo e a morte dos mais pobres. Nesse clima, o racismo estrutural no Brasil se torna a mais poderosa forma de dominação social e política (Souza, 2020; Souza, 2021).

Essas condições sustentam uma espécie de guerra promovida pelo Estado e experienciada pelos jovens. O pensador e filósofo camaronês Achille Mbembe (2018) chamou esta guerra de necropolítica, um termo que cunhou a partir de noções da biopolítica foucaultiana. Mbembe (2018) reflete sobre as diferentes maneiras que o mundo contemporâneo oferece como formas de destruição dos sujeitos, novos modos de existência social para uma parte da população que está em condição de “morto-vivo” (Mbembe, 2018, p. 71). É assim que a guerra acaba por ser um meio de alcançar a soberania e um modo de efetivar o direito de matar. Afinal, quem morre nessa guerra e por quê? Os jovens, durante as Rodas, falavam sobre o desejo da sociedade em vê-los mortos, o desejo de extermínio que os assola:

“Os caras não nos querem vivos, dona. A gente não tem valor lá fora. Os caras querem nossa cabeça, nos querem mortos. Os carniças [policiais] querem ver nosso corpo estendido no chão.”¹¹

Diante dessas questões, a dimensão sociopolítica do sofrimento (Rosa, 2016) aparece com diferentes nuances traumáticas e desenha o sofrimento causado pela violência de Estado. Tensionar o traumático nas situações descritas pelos jovens é se deparar com o desamparo social, com aquilo que fere a subjetividade dos sujeitos e propicia a pobreza afetiva, ou seja, propicia um silenciamento do sujeito (Rosa, 2016). No caso dos jovens da Socioeducação, podemos pensar que propicia, muitas vezes, suas mortes não só físicas, como também simbólicas.

Algumas considerações finais: quem pode sonhar no meio de uma guerra?

Neste escrito, ocupamo-nos em escutar as nuances sociais e políticas que se apresentaram nos sonhos dos meninos da socioeducação. Desse modo, foi possível escutar sonhos que apresentavam o arsenal do Real da morte, além de fomentar o lugar do Outro que os desampara e mesmo evoca a morte como destino de suas vidas, seja a morte simbólica, seja a morte real. Pensamos que uma das importantes funções das Rodas de Sonhos vem sendo promover um modo de retificação do Outro, uma maneira de movimentar o lugar dos meninos na relação com a demanda e com o desejo do Outro. Esse Outro simbólico que os sonha na posição de invisibilidade, uma espécie de morte.

Gurski (2019) traz tal discussão quando afirma que a adolescência seria justamente o momento em que o sujeito desperta do sonho da infância, vendo-se, a partir daí, diante da tarefa de produzir uma resposta frente ao que recebeu como demanda cifrada de quem lhe sonhou. Retomando as contribuições de outros escritos, Gurski (2019) também discute a potência do despertar na adolescência como um tempo em que algo verdadeiramente novo pode vir a se inscrever do ponto de vista do sujeito, ou seja, momento em que o sujeito pode vir a dar um passo além do Outro através da elaboração de um saber fazer com o gozo fálico.

Nesse sentido, Gurski (2019) lembra que o despertar da adolescência pode ser pensado como um ato político, na medida em que o jovem sujeito desperta do sonho da infância e tem a oportunidade de inscrever sua marca no laço social, reinscrevendo-se na relação com o Outro

¹¹ Relato recolhido nos diários de experiência da pesquisadora de uma Roda de Sonhos realizada em janeiro de 2019.

(Gurski, 2019). Entretanto, quando se tratam dos adolescentes da Socioeducação, tratamos de uma parcela da população que, historicamente, experiencia o extermínio e o encarceramento pelo Estado tanto no sistema socioeducativo como no prisional.

O apagamento proposto por esse Outro que se apresenta como total, que não lhes deixa espaços de reinvenção de si, faz com que os jovens partam do lugar que tanto escutamos durante a intervenção: *bandido não sonha, na rua não tem como sonhar, dona*. Desse modo, entendemos que a pergunta *o que vocês têm sonhado?* produziu imagens oníricas e muitas narrativas, essas que também pensam e que podem ser uma via de construção de novos sentidos para a vida de vigília (Gurski & Perrone, 2021b) e para o que o Outro lhes demanda. Assim, durante as Rodas, quando surgiam falas tácitas e estigmatizadas, nós, pesquisadoras, tensionávamos essa lógica discursiva de modo a questionar o discurso totalizador a que ficamos expostos.

Em um cenário complexo como esse, compreendemos os jovens como sujeitos políticos que também buscam a dimensão da emancipação. Acreditamos que o ato de transgredir se torna também uma maneira de busca de direitos, como pontuou Wellington: *“a gente só busca nossos direitos. Roubamos aquilo que nos foi tirado, tirado das nossas mães”*. Nesse sentido, será que poderíamos pensar o ato infracional como um ato político que, em seu âmago, carrega a dimensão sociopolítica do sofrimento desses jovens?

Nessa direção, acreditamos que o dispositivo das Rodas de Sonhos oferece um modo de resistência, assim como apontam Gurski e Perrone (2021b). As autoras dizem que o trabalho com o sonho pode ser entendido como um antídoto ao veneno totalitário. Certo é que as escutas que temos realizado na forma de Rodas busca construir um espaço que possibilite fazer furo nos discursos alienantes e totalizadores do Outro. Esses furos se apresentam justamente na forma de narrativa onírica, sonhos que carregam a dimensão sociopolítica do sofrimento (Rosa, 2016) e que mostram a posição de marginalidade em que são demandados que fiquem. Será que a única forma de viver para esses meninos é de algum modo morrer?

Referências

- Barbosa, R. R. M. (2012). Resenha do livro “Dimensões do despertar na psicanálise e na cultura”. *Estudos de Psicanálise*, (37), 165-168.
- Bayer, B. (2022). *Sonhei que eu morri! Reflexões sobre morte, sonhos e resistência nas Rodas de Sonhos com adolescentes que cumprem medida socioeducativa de privação de liberdade*. (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicanálise: clínica e cultura, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul).
- Bento, M. A. (2002). Branqueamento e Branquitude no Brasil. In M. A. Bento, *Racismo Institucional – fórum de debates – educação e saúde*. Minas Gerais.
- Borges, J. (2018). *O que é encarceramento em massa?* Belo Horizonte: Letramento.
- Dunker, C., Gurski, R., Perrone, C., Debieux, M. & Ianinni, G. (2020). *Sonhos em tempos de pandemia*. Projeto de Pesquisa UFRGS-USP-UFMG.

- Dunker, C. (2021). Freud explica Bolsonaro na pandemia com conceito de pulsão de morte. In *Folha de São Paulo* publicado em 20/03/2021. Acesso disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2021/03/freud-explica-bolsonaro-na-pandemia-com-conceito-de-pulsao-de-morte.shtml?origin=folha>
- Freud, S. (2019). *A interpretação dos sonhos*. Obras completas volume 4. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (2012). *Totem e tabu, contribuições à história do movimento psicanalítico e outros textos*. Obras completas volume 11. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912-1914).
- Freud, S. (2010). *História de uma neurose infantil (“Homem dos lobos”), Além do Princípio do Prazer e outros textos*. Obras completas volume 14. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917-1920).
- Freud, S. (2010). Por que a guerra? (Carta a Einstein, 1932). In S. Freud, *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos*. Obras completas volume 18. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1932).
- Freud, S. & Fliess, W. (1986) *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhem Fliess (1887-1904)*. Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Freyre, G. (1988). *Casa-Grande e Senzala*. São Paulo: Círculo do Livro, 1933.
- Gurski, R. (2019). Educa-me ou te mato! *Estilos da Clínica*, 2019, V. 24, nº 1, p. 62-70. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v24i1p62-70>
- Gurski, R. (2021). Morte e vida na pandemia: o sujeito, o laço social e o pas-de-sens no Real do sonho. In *IV Encontro Internacional do GT ANPEPP Psicanálise, Subjetivação e Cultura Contemporânea: Pandemia e Pulsão de Morte*. Realizado em 04/11/2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4Jb-CHKAfdk>
- Gurski, R. & Perrone, C. (2019). Rodas de Sonhos com adolescentes em situação de vulnerabilidade social. *Projeto de Pesquisa*. UFRGS.
- Gurski, R. & Perrone, C. M. (2021a). “Constelação”: Sonhos, psicanálise e política em tempos de pandemia. In Dunker, C; Perrone, C; Iannini, G; Rosa, M. D; Gurski, R. *Sonhos Confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*. São Paulo: autêntica.
- Gurski, R. & Perrone (2021b). A Psicologia das Massas Freudiana e as atuais massas digitais: o totalitarismo, distopia e sonhos. In A.C.D, Silva & J. Moreira (Orgs.). *100 anos Psicologia das Massas: atualizações e reflexões*. Curitiba: CRV, 2021. 262 p.
- Gurski, R., Perrone, C. & Strzykalski, S. (2021). Genocídio de jovens negros e a violência (im) pertinente no Brasil contemporâneo: o fantasma da colonialidade e a produção do desejo de fascismo atual. In Rosa, M.D & Moreira, J (Orgs). *Violência e Psicanálise: atualizações intersaberes*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Guzmán, M. C. & Derzi, C. A. M. (2021). *O trauma e seu tratamento: Contribuições de Freud e Lacan*. Revista Subjetividades, 21(1), e9254. doi :<http://doi.org/10.5020/23590777.rs.v21i1.e9254>
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-1960).
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964-1985).

- Martins, A. S & Rosa, M. D. (2017). “Guerra verde amarelo”. *Especial para Psicanalistas pela Democracia*. Disponível em: <https://psicanalisedemocracia.com.br/2017/02/guerra-verde-amarelo-por-aline-souza-martins-e-miriam-debieux-rosa/>
- Mbembe, A. (2018). *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições.
- Perrone, C., Gurski, R., Gambetti, Z. & Rosa, M. D. Os novos fascismos e a oniropolítica. *Projeto de pesquisa*. UFRGS, 2020.
- Rosa, M. D. (2016). *A Clínica Psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2ª edição.
- Rouanet, S. P. (2008) *Édipo e o Anjo itinerários Freudianos em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Schucman, L. V. (2020). *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo*. São Paulo: Veneta
- Seligmann-Silva, M. (2008). Narrar o trauma – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Revista Psicologia Clínica*. Rio de Janeiro, V.20, N.1, P.65 – 82. Disponível em <https://www.scielo.br/j/pc/a/5SBM8yKJG5TxK56Zv7FgDXS/?format=pdf&lang=pt>
- Sousa, E. & Endo, P. (2012). *Sigmund Freud: ciência, arte e política*. Porto Alegre, RS: L&PM.
- Souza, J. (2009). *Ralé Brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Souza, J. (2020). *A guerra contra o Brasil*. Rio de Janeiro: Estação Brasil.
- Souza, J. (2021). *Como o racismo criou o Brasil*. Rio de Janeiro: Estação Brasil.
- Strzykalski, S. (2019). *Adolescente? Eu sou sujeito homem! Reflexões sobre uma experiência de escuta na socioeducação com jovens envolvidos com o tráfico de drogas* (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Psicanálise: clínica e cultura, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Valenzuela, J. M.; Org. (2015). *Juvenicidio: Ayotzinapa y las Vidas Precarias em América Latina y España*. Barcelona: NED Ediciones.

Revisão gramatical: Lucas Kirschke da Rocha
E-mail: lucaskdarocha@gmail.com

Recebido em agosto de 2022 – Aceito em abril de 2023.